

Unidade temática de lutas e esportes de combate na educação física escolar do ensino fundamental no Norte do Brasil¹

Thematic unit on fights and combat sports in primary school of physical education in Northern Brazil

Unidad temática sobre luchas y deportes de combate en la educación física de la escuela primaria del Norte de Brasil

[Artigo de investigação]

<https://doi.org/10.15332/2422474X.10201>

Ademar Sousa de Aragão²

Adrieny Bernardo de Oliveira³

Milton Rafael Ribeiro de Miranda⁴

Alexandre Janotta Drigo⁵

Claudio Joaquim Borba-Pinheiro⁶

Recebido: 4 de dezembro de 2023

Aceite: 10 de maio de 2024

Citar como:

Sousa de Aragão, A., de Oliveira, A. B., Ribeiro de Miranda, M. R., Janotta Drigo, A., & Borba-Pinheiro, C. J. (2024). Unidad temática sobre luchas y deportes de combate en la educación física de la escuela primaria del Norte de Brasil. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 14(2),45-58. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10201>



Resumo

O objetivo desta pesquisa foi analisar o entendimento de alunos e professores de educação física escolar (EFE) sobre as causas e as restrições que implicam o componente curricular de lutas em turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental de escolas públicas de Tucuruí, Pará, Brasil. Participaram da pesquisa 40 alunos do 6º e 7º ano de duas escolas públicas e dois professores. Realizou-se um estudo descritivo-transversal sobre o conteúdo de lutas na escola. Os resultados mostraram que os professores ministram o conteúdo de lutas e usam preferencialmente as atividades lúdicas, além de acreditarem que ele deve ser contemplado na educação infantil e que ele não gera violência. Por sua

¹ Artigo de pesquisa. Não houve financiamento. Núcleo de Pesquisas do Movimento, Exercício e Saúde na Amazônia. Universidade do Estado do Pará. Tucuruí, Pará, Brasil.

² Universidade do Estado do Pará, curso de Educação Física. Tucuruí, Pará, Brasil. E-mail: ademar.aragaoprof@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7028-2010>

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Paragominas, Pará, Brasil. E-mail: adrieny.oliveira@ifpa.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2161-1710>

⁴ Universidade Federal do Pará, curso de Educação Física. Belém, Pará, Brasil. E-mail: ribeirojudo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1082-6175>

⁵ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: alexandredrigo@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8744-1914>

⁶ Universidade do Estado do Pará e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Tucuruí, Pará, Brasil. E-mail: claudioborba18@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9749-5825>

vez, muitos alunos consideram que a forma como o conteúdo é ministrado pode gerar violência; embora participem das aulas, opinam que elas não são atrativas. O componente de conteúdo de lutas pode influenciar no desempenho e aprendizado dos discentes quando é ministrado na EFE. Entretanto, o docente precisa enfrentar as dificuldades desse componente curricular para ministrar as aulas de forma teórica e prática com criatividade. Isso porque ainda existem lacunas no conhecimento sobre o que os docentes ministram e sobre o que os alunos esperam desse componente.

Palavras-chave: lutas, educação física escolar, prática docente, atuação profissional.

Abstract

The objective of this study was to analyze the understanding of school physical education (SPE) students and teachers about the causes and restrictions that imply the content of fights in 6th and 7th-year elementary school classes in public schools in Tucuruí-PA-Brazil. 40 6th and 7th-grade students from two public schools and two teachers participated in the research. A descriptive-cross-sectional study was carried out on the content of fights at school. The results showed that teachers teach fight content and preferably use playful activities; they believe that it should be included in early childhood education and that it does not generate violence. As for the students, although they participate in the classes, they do not seem to be attractive; many consider that the way the content is taught can generate violence. In conclusion, fighting content can positively influence student performance and learning when taught at EFE. However, the teacher must understand and face this content's difficulties and controversies to teach classes theoretically and practically with creativity because there are still gaps between what teachers do and what students expect from the content.

Keywords: fights, school physical education, teaching practice, professional practice

Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar la comprensión de estudiantes y profesores de educación física escolar (EFE) sobre las causas y restricciones que implican el contenido de las luchas en las clases de 6° y 7° año de la enseñanza básica en escuelas públicas de Tucuruí-PA-Brasil. Participaron 40 estudiantes de 6° y 7° grado de dos escuelas públicas y dos docentes. Se realizó un estudio descriptivo transversal sobre el contenido de las luchas en la escuela. Los resultados mostraron que los docentes enseñan contenidos de lucha y utilizan actividades lúdicas, creen que debe incluirse en la educación infantil y que no genere violencia. En cuanto a los estudiantes, aunque participan en las clases no les parecen atractivas, muchos consideran que la forma en que se enseña el contenido puede generar violencia. En conclusión, los contenidos pueden influir positivamente en el rendimiento y aprendizaje de los estudiantes cuando se imparten en EFE. Sin embargo, el docente debe comprender y afrontar las dificultades y controversias de este contenido para impartir las clases de forma teórica y práctica. Porque existen brechas entre lo que hacen los profesores y lo que los estudiantes esperan de los contenidos.

Palabras clave: luchas, práctica docente, práctica profesional, educación física escolar.

Introdução

As lutas fazem parte da vida humana, pois a necessidade de sobrevivência com produção de tecnologias como machados, facas e lanças a partir de pedras lascadas associados a aprendizagem cultural coexistem para as adaptações do ser humano a novos ambientes (Rossi, 2018; De Oliveira et al., 2019). Na atualidade, os esportes de combate possibilitam a utilização de atividades de aprendizado geral, compostos do desenvolvimento físico-motor, de lazer, dos

aspectos cognitivos, afetivo e social (De Oliveira et al., 2019). Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015), entre as pessoas que declararam praticar esporte ou atividade física, 1,7% pratica lutas/artes marciais.

Assim, vale destacar que a maior parte do conhecimento das artes marciais foi transmitida de forma artesanal (artesão) no sentido de ofício profissional. Neste sentido, De Oliveira et al. (2019) destacam que as lutas marciais foram usadas como uma ferramenta de ataque-defesa, de desenvolvimento físico, moral, mental e espiritual de culturas milenares.

Esses conhecimentos sobre as artes marciais possibilitaram pensar na utilização desse componente na área escolar, pois, para Pereira et al. (2022), as lutas também podem assumir um papel de auxílio pedagógico para o professor de educação física escolar (EFE), ou seja, incluir o conhecimento das artes marciais e dos esportes de combate no contexto sociocultural do homem. Dessa forma, aproveitá-lo para o aprendizado de conteúdos que também inclui regras sociais e conceitos de cidadania no ambiente escolar.

A partir disso, as lutas passaram a fazer parte dos componentes curriculares da EFE, propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN (Brasil, 1998; Henkel e Ilha, 2016; Lopes et al., 2019), e, posteriormente, reforçadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais — DCN (Brasil, 2018). Nestas, afirmam-se que as escolas devem efetuar ações pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de princípios éticos para autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito ao bem comum. Além disso, os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania e os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais devem ser desenvolvidos (Brasil, 2018). Por esse motivo, essa questão merece atenção de professores e pesquisadores na área da educação e da educação física.

De acordo com Harnisch et al. (2018), a temática de lutas ainda é objeto de restrições e preconceitos, o que é ratificado Boehl et al. (2018), quando afirmam que a presença das lutas nas escolas é pequena, muitas vezes aplicadas como atividades extracurriculares desvinculadas da EFE, além de ser pouco explorada pelos professores de EFE (Del Vecchio e Franchini, 2006; Darido e Rangel, 2008; Santos et al., 2023). Entre os motivos mais citados encontram-se o preconceito, a ausência de materiais e de vestimentas adequadas e a ideia de provocar violência (Cazetto, 2010; Carreiro, 2008 Barros e Gabriel, 2011; Boehl et al., 2018; Santos et al., 2023).

Embora existam muitos estereótipos associados às lutas na escola, a dinâmica destas não está apenas ligada à disputa física, mas também aos aspectos psicológicos, emocionais e sociais. Com isso, as atividades de lutas ainda necessitam de consolidação, como, por exemplo, a procura por uma identidade, o reconhecimento como atividade educativa e o confronto com pressões externas de pais e meios midiáticos. Além do mais, as lutas na escola podem estar correlacionadas a questões mais amplas, como a violência, o *bullying*, a discriminação e os problemas familiares, tornando-as mais árduas de serem abordadas (Cazetto, 2010; Boehl et al., 2018; De Oliveira et al., 2019; Santos et al., 2023).

Diante disso, surgiu o problema desta pesquisa: será possível analisar a complexa relação do componente de lutas na EFE sob o olhar de professores e alunos do ensino fundamental de escolas públicas do Norte do Brasil? Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o entendimento de alunos e professores de EFE sobre as causas e restrições que implicam o componente “lutas” em turmas de 6º e 7º ano do ensino fundamental de escolas públicas do

município de Tucuruí, Pará, Brasil.

Metodologia

Tipo de pesquisa

A pesquisa é do tipo descritiva, de corte transversal, quantitativa, usada para obter conhecimento de um problema ao qual se procura uma resposta por meio de relações entre o fenômeno pesquisado e a hipótese que se queira comprovar (Andrade, 2000).

Critérios de seleção

Para a inclusão nesta pesquisa, foram selecionados os alunos de ambos os sexos do 6º e 7º ano do ensino fundamental II, que frequentassem regularmente as aulas de EFE. Foram excluídos os alunos que faltaram nos dias em que a coleta de dados foi realizada e aqueles com menos de 75% de frequência nas aulas.

Amostra

O estudo foi realizado através de uma amostra de conveniência com 40 alunos de duas turmas (6º e 7º ano do ensino fundamental II do turno da tarde), de ambos os gêneros, e dois professores do gênero masculino, estes tutores das turmas selecionadas para o estudo, em duas escolas públicas da rede municipal da cidade de Tucuruí. A participação na pesquisa ocorreu de forma não probabilística, como voluntários.

Protocolos de avaliação

A pesquisa foi desenvolvida nas escolas públicas da cidade de Tucuruí, Pará, Brasil. Foi aplicado questionário em forma de entrevista, composto de seis perguntas adaptadas do questionário de Ferreira (2006), já usado em estudo anterior de Borba-Pinheiro et al. (2016). Cabe destacar que as entrevistas foram realizadas por um único avaliador. O Quadro 1 mostra o questionário aplicado aos alunos.

Quadro 1.

Questionário semiestruturado aplicado aos alunos

<p>Você pratica ou já praticou algum tipo de luta nas aulas de educação física?</p> <p>Sim.</p> <p>Não.</p> <p>Outro:</p> <p>Você gostou de praticar lutas nas aulas de educação física?</p> <p>Sim.</p> <p>Não.</p> <p>Outro:</p> <p>Você acha importante a aplicação do conteúdo “lutas” nas aulas de educação física?</p> <p>Sim.</p> <p>Não.</p>

Outro:

Para você, as lutas na escola podem gerar violência?

Sim.

Não.

Às vezes.

Você acha que as lutas podem ser praticadas por meninas e meninos do mesmo modo?

Sim.

Não.

Outro:

Você acredita que a luta pode contribuir para o seu aprendizado na escola?

Sim.

Não.

Um pouco.

Fuente: Elaboración propia.

Com relação aos professores, foram utilizadas quatro perguntas também adaptadas de Ferreira (2006), como mostra o Quadro 2.

Quadro 2.

Questionário aplicado a professores de EFE

1. Você utiliza as lutas em suas aulas de educação física?

Sim.

Não.

Às vezes.

2. É possível trabalhar com lutas na educação infantil?

Sim.

Não.

3. Você considera que a prática da luta gera violência?

Sim.

Não.

Depende do professor.

4. Você acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas?

Sim.

Não.

Talvez.

Fuente: Elaboración propia.

Ética da pesquisa

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Institucional e aprovado sob o Parecer 1.940.41 (Brasil, 2012). Os participantes docentes obtiveram informações sobre o estudo e deram o consentimento para a participação, através de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). De acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das pesquisas com seres humanos (Brasil, 2012), os pais dos alunos assinaram um TCLE, pois estes eram menores de idade.

Análise estatística

Inicialmente, os dados foram apresentados pela frequência relativa. Foi utilizado o software BioStat© 5.3 para a análise dos dados. O teste binomial exato de Fisher e o Qui-Quadrado foram utilizados para a análise estatística, considerando o tipo de escala. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$ com erro de 5%.

Resultados

As respostas dos professores foram apresentadas no Quadro 3. Eles afirmaram que usam o componente “lutas” nas aulas de EFE. As demais questões apresentaram uma concordância sobre a possibilidade de aplicação do conteúdo na educação infantil e sobre os alunos não se tornarem violentos com a prática. Já para a questão sobre gerar violência, um não considerou e o outro afirma que depende do professor que ministra as aulas.

Quadro 3.

Questões sobre a avaliação dos professores

Questões		Sim	Não	Às vezes
Você utiliza as lutas em suas aulas de educação física?	Professor 1	X		
	Professor 2	X		
É possível trabalhar lutas na educação infantil?		Sim	Não	
	Professor 1	X		
	Professor 2	X		
Você considera que a prática de lutas gera violência?		Sim	Não	Depende do professor
	Professor 1			X
	Professor 2		X	
Você acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas?		Sim	Não	Talvez
	Professor 1			X
	Professor 2		X	

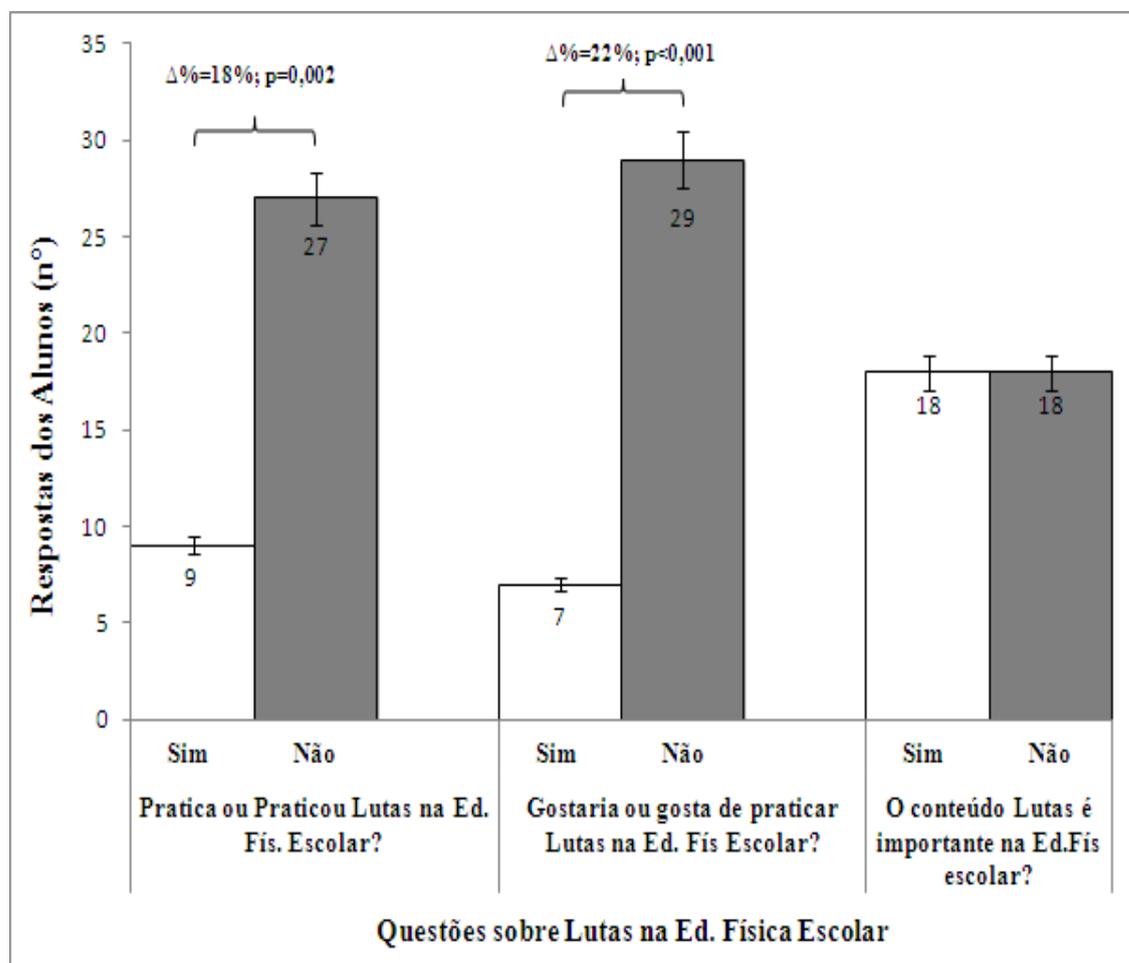
Fonte: elaboração própria

Já para a avaliação dos alunos, 27 (75%) não haviam praticado e 29 (80,5%) não gostariam ou não gostam de praticar lutas nas aulas, com diferença estatística ($p < 0,05$) mostrado na Figura 1.

Sobre a importância do conteúdo “lutas”, metade dos alunos 18 (50%) afirmou ter importância para o aprendizado na EFE, mostrado na Figura 1.

Figura 1.

Questões relacionadas ao conteúdo "lutas", do ponto de vista dos alunos. O símbolo () indica um valor de $p < 0,05$.



Fonte: elaboração própria

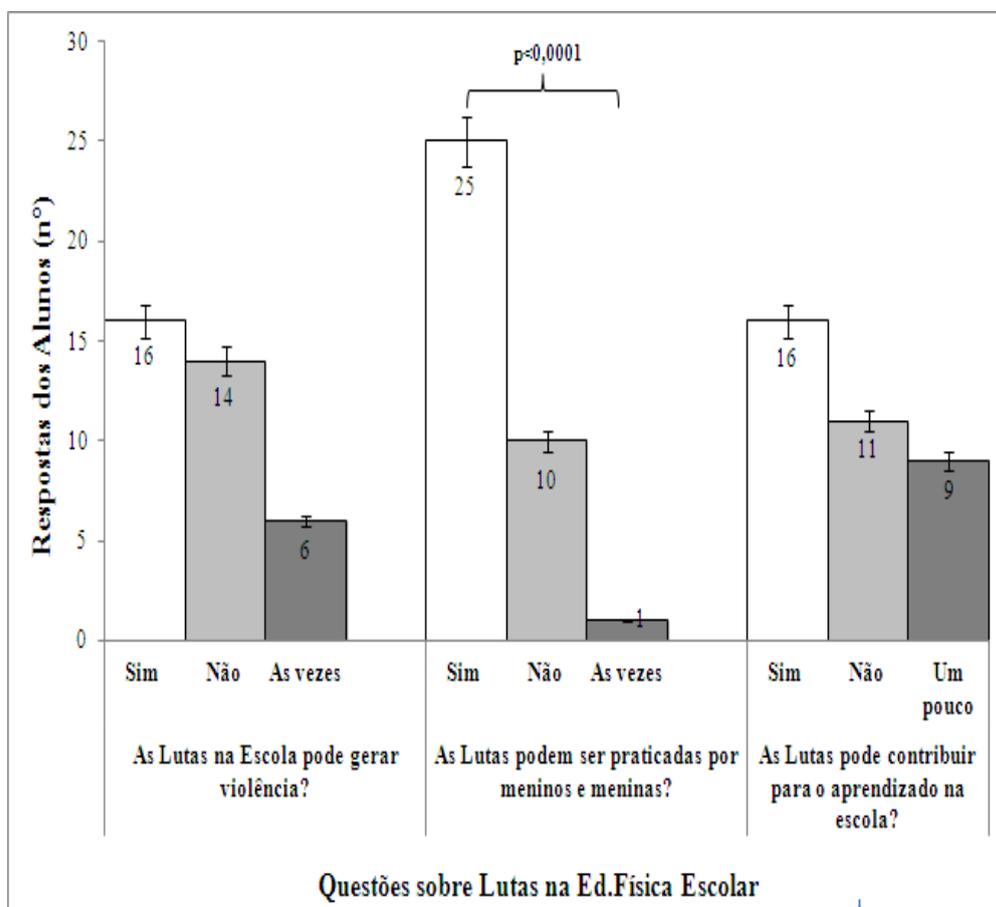
Sobre a possibilidade do conteúdo gerar aprendizado, não houve diferença estatística ($p < 0,05$). A maioria, 16 (44,4%), afirmou que “não”; uma parte, 11 (30,5%), considerou que “sim” e outra, 9 (25%), que não tem opinião formada sobre a questão (Figura 2).

Acerca da questão de gênero, parece que há um certo preconceito sobre a prática das lutas para as meninas, pois houve diferença ($p < 0,05$) nas respostas dos alunos, em que ainda há maior incidência para os meninos.

Quanto à violência, também não houve diferença ($p < 0,05$): 16 (44,4%) acreditam que as lutas podem gerar violência; 14 (38,8%) entendem que não e 6 (16,6%) ficaram em dúvida (Figura 2).

Figura 2.

Questões relacionadas ao conteúdo “lutas”, do ponto de vista dos alunos. O símbolo () e o número em negrito indicam um valor de $p < 0,05$.



Discussão

Com base nos resultados da pesquisa, percebeu-se que as controvérsias sobre o componente “lutas” são presentes entre as turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental das duas escolas públicas estudadas. Ademais, foram diagnosticadas as causas das restrições, dos preconceitos e de outras problemáticas, tanto do professor de EFE quanto dos alunos nas aulas de EFE, o que possibilitou melhor compreensão sobre as controvérsias e problemas gerados em torno do conteúdo “lutas” que implicam as aulas de EFE.

O conteúdo de lutas na cidade de Tucuruí tem sido ministrado, e os resultados desta pesquisa confirmam isso e corroboram o estudo de Borba-Pinheiro et al. (2016) com 50 professores da rede municipal de ensino da mesma cidade. Contudo, ainda são poucos os estudos e, por isso, são necessárias mais pesquisas com melhores estratégias didáticas para o trato pedagógico para as lutas, a partir da perspectiva da cultura corporal de movimento, com ênfase na construção do conhecimento em detrimento de um mero fazer e na reflexão das relações entre lutas e mídia, concentração e filosofia (Carreiro, 2005; Boehl et al., 2018).

Pereira et al. (2022) também identificaram a necessidade de sistematização do componente de lutas na educação infantil, apresentando, inclusive, uma série gradual de atividades ou jogos que contemplam a lógica das lutas (tocar/golpear, derrubar/imobilizar) em um contexto adequado à faixa-etária dos alunos. No estudo presente, os professores entrevistados relataram que é possível trabalhar o conteúdo na educação infantil, o que foi corroborado por Borba-Pinheiro et al. (2016) e De Oliveira et al. (2019), favoravelmente ao desenvolvimento da unidade temática de lutas na educação infantil.

Acredita-se que o principal motivo pelo qual esse conteúdo não esteja sendo ministrado nas aulas de EFE seja a insegurança dos próprios profissionais, pois eles acreditam, erroneamente, na necessidade de ser ou ter sido um praticante de alguma luta para desenvolvê-la na escola. Esses mesmos autores contrapõem-se a essas alegações, argumentando que não é necessário saber lutar para ensinar lutas na escola, já que não é a intenção formar atletas/lutadores, mas transmitir valores, conceitos e atitudes de cidadania.

Além disso, cabe ao profissional regulamento por lei e legitimado pela sociedade o dever de estudar novas estratégias para abordar o conteúdo de lutas, baseado na literatura científica e na sua criatividade dos professores (Silva et al., 2016). Cabe destacar ainda que somente o professor de educação física pode ministrar o conteúdo de lutas na escola, pois a sua formação acadêmica lhe dá o respaldo legal e a legitimidade didática perante a sociedade no campo do ensino e da ciência para essa atuação (Silva et al., 2016).

Com base no estudo de Hegele et al. (2018), foi feita uma classificação das lutas fundamentada nas ações estabelecidas para gerar compreensão mais clara da possibilidade de trabalhar o tema dentro da EFE, sem que haja a necessidade de ser um faixa preta ou ter alguma experiência específica em esportes de combates. Uma das estratégias para o professor utilizar dentro da sua aula é a dimensão conceitual, que reconhece os fatos e o contexto histórico das lutas, e pode ser desenvolvida por meio de histórias e fábulas de lutas, sendo capaz de utilizar o imaginário do aluno para fomentar discussão e compreensão de normas e condutas sobre o antes, durante e após a aula (Pereira et al., 2017).

A falta de adesão na participação de alunos quando o conteúdo é ministrado foi evidenciada neste estudo, pois, embora a maioria ($p < 0,05$) tenha participado das aulas (27 alunos) quando o conteúdo foi ministrado, grande parte ($p < 0,05$) informou (29 alunos) que não gostaria de ter participado, provavelmente porque o conteúdo pode ter sido ministrado de forma pouco atrativa (Figura 1).

De fato, a literatura científica mostra abordagens que falam sobre as dificuldades e desafios dos professores de EFE em aplicar o conteúdo lutas na escola, sendo visto por muitos destes como violento e, por isso, inadequado. Dessa forma, pouco valorizado pela maioria dos professores de EFE, que questionam, além da falta de habilidades na prática das lutas, a não vivência do conteúdo na trajetória acadêmica (Carreiro, 2005; Ferreira, 2006; Boehl et al., 2018).

Um dos pontos citados anteriormente coloca em xeque a formação profissional em educação física. Existem inúmeras ocasiões dentro dos cursos de graduação que

revelam uma formação insuficiente com relação a essas práticas, limitando o ensino para apenas uma ou duas modalidades, muitas vezes nem havendo a presença desses conteúdos como componente obrigatória (Cisne et al., 2022).

Nesse sentido, esta pesquisa, que objetivou mostrar a realidade vivenciada pelos alunos e professores de EFE nas escolas públicas, identificou que as escolas estudadas contemplam o conteúdo. No entanto, ainda existem profissionais que resistem a desenvolver esse conteúdo, vindo a suscitar como justificativa a carência ou a não existência de espaço, material e domínio do conteúdo “lutas”, ou ainda medo de incitar a violência dentro da escola, considerando que esse conteúdo pode dificultar o ambiente de aprendizagem (Cazetto, 2010; Ferreira, 2006; Pereira et al., 2022).

O estudo realizado por Borba-Pinheiro et al. (2016) com professores de EFE também na cidade de Tucuruí evidenciou que o papel do professor é fundamental para o desenvolvimento do conteúdo de forma responsável. Na visão deles, o professor deve ser capaz de proporcionar o aprendizado de comportamentos sociais que incentivam o respeito mútuo, a disciplina, os limites e controlar comportamentos antissociais, como a agressividade, o que foi corroborado por De Oliveira et al. (2019).

Portanto, Rodrigues e Antunes (2019) afirma que, quando o professor de educação física valoriza nas suas aulas conceitos como os valores, a harmonia, o aprender junto, a amizade e o companheirismo, chegar a uma vitória se torna menos importante. A competição entre os alunos passa a ser, desse modo, uma diversão e uma forma de auxílio uns com os outros, aprendendo com seus erros a sair de situações difíceis no decorrer de uma luta.

Além disso, as lutas se baseiam em diversas entre elas estão valores e princípios, pois se pode desassociar a luta da prática da violência e destacar mudanças de comportamentos nos alunos ao decorrer das aulas. A luta também pode desenvolver a parte cognitiva do aluno, por isso é importante que o professor crie estratégias de atividades que possibilite esse desenvolvimento. A composição dos valores positivos e negativos dos alunos depende da avaliação do professor, que analisará suas atitudes comportamentais, como o aluno pensa e reflete criticamente a filosofia e os comandos dentro das lutas (Santana-Santos et al., 2022).

No presente estudo, um dos professores considerou que o conteúdo de lutas pode promover agressividade dependendo de como o professor ministra esse conteúdo, sendo que o outro considerou que isso não gera violência aos alunos. Entretanto, na visão dos alunos, 16 dos 36 acreditam que o conteúdo pode gerar violência (Figura 2). Nesse contexto, é necessária uma mudança de atitude dos professores de EFE, a fim de buscarem métodos alternativos e atraentes aos olhos dos alunos, pois o conteúdo ministrado de forma atrativa, criativa e responsável, como orienta os PCN (Brasil, 2018), pode melhorar o ambiente de aprendizagem, de respeito e de disciplina, já que possui potencial para a transformação social e, conseqüentemente, para a construção do ser cidadão (De Oliveira et al., 2019; Boehl et al., 2018).

Além disso, as lutas na EFE podem trazer vários benefícios no que se refere ao desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social. Destaca-se, no aspecto motor, a lateralidade, o controle dos tónus musculares, o equilíbrio, a coordenação global, a ideia

de tempo e espaço e a noção de corpo. No cognitivo, o raciocínio rápido, a formulação de estratégias, a memória e a atenção. E, por fim, no aspecto afetivo-social, observam-se a adequação às regras sociais, a postura social, o respeito mútuo e a determinação, além do favorecimento do controle do equilíbrio emocional, a catarse e controle da agressividade, pois contribui para o cuidado na integridade física mútua (Ferreira, 2006; Pereira et al., 2022; Santos et al., 2023).

Entretanto, verificou-se um possível excesso nas condutas da cultura oriental, pois as normas de conduta em artes marciais parecem ser excessivamente rígidas comparada a ocidental, em que se observa certo autoritarismo em detrimento da autoridade do saber. Isso precisa ser melhorado, considerando as novas tendências do saber para uma educação cidadã, o que inevitavelmente nos remete a como os professores estão sendo formados na graduação (De Oliveira et al., 2019). Para Sousa (2018), a EFE tem como parâmetro a cultura corporal, no intuito refletir para uma pedagogia de valores que tem, dentro das lutas, solidariedade, cooperação, desenvolvimento motor e afetivo-social, isto é, que coopera para uma formação integral, como Ferreira (2006) defende.

Nessa mesma direção, Boehl et al. (2018) afirmam que o conteúdo de luta nas aulas de EFE também pode ser eficaz no controle da violência, visto que a componente curricular inspira respeito, valores e regras. Nesse mesmo sentido, Borba-Pinheiro et al. (2016) complementam mostrando em seu estudo que, dos 50 professores de EFE entrevistados, 28 consideraram que o conteúdo pode gerar violência, caso seja ministrado por pessoa não qualificada, 22 professores não consideraram o conteúdo gerador de violência e nenhum professor entrevistado afirmou que a prática de lutas, necessariamente, geraria algum tipo de violência, o que também foi corroborado por De Oliveira et al. (2019) e Santos et al. (2023).

Neste estudo, grande parte dos alunos compreende que as lutas podem favorecer a socialização e não parece potencializar atitudes violentas, como mostrado na Figura 2. Entretanto, entre os professores, as controvérsias permanecem, enquanto um acredita que as lutas podem estimular a violência, o outro vê nas lutas um instrumento de disciplina e socialização, além de favorecer o desenvolvimento motor, o que também foi verificado por Alves-Junior (2006) e Miranda e Dos Reis (2020).

O professor de EFE precisa promover a formação integral dos alunos sem excluir nenhum tipo de vivência. Além disso, deve ter características para dinamizar, ser criativo para buscar associar a aula às múltiplas possibilidades de dinamização para o desenvolvimento interpessoal entre professor-aluno e aluno-aluno, fortalecendo e melhorando os laços, de forma que as aulas fiquem mais atrativas dentro da EFE (Freitas et al., 2022; Santos et al., 2023).

Contudo, a literatura tem mostrado o valor dos conteúdos relacionados ao componente curricular de lutas e esportes de combate na EFE, em que a sistematização, a contenção, as possibilidades criativas, o potencial para o desenvolvimento do relacionamento interpessoal, entre outros valores podem ser desenvolvidos pelo componente curricular de lutas na escola. Contudo, ainda existem controvérsias na concepção de professores, considerando ainda que o conteúdo não goza de unanimidade por parte dos alunos, como mostrado na presente pesquisa.

Limitações do estudo

A pesquisa identifica como limitações o número amostral não probabilístico, considerada uma amostra de conveniência; além disso, a ferramenta de avaliação que é uma adaptação.

Conclusão

Conclui-se que o conteúdo “lutas” pode influenciar positivamente no desempenho e no aprendizado dos alunos, pois ele é ministrado nas escolas pesquisadas. Entretanto, é imprescindível que o professor de EFE possa entender e enfrentar as possíveis dificuldades e controvérsias desse conteúdo para ministrar as aulas de forma teórica e prática com criatividade que lhe permita usar os conhecimentos adquiridos na sua formação acadêmica.

Os resultados mostram que ainda existem lacunas entre o que os professores ministram e o que os alunos esperam do conteúdo. Pelo exposto, depreende-se que o conteúdo “lutas” deve ser esclarecido de melhor forma, a fim de evidenciar a relevância existente para o desenvolvimento corporal, cognitivo, ético e afetivo-social do aluno. Nesse sentido, recomendam-se novos estudos que contemplem as limitações desta pesquisa.

Referências

- Alves-Junior, E. D. (2006). Discutindo a violência nos esportes de luta: a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico. In: ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 1-10. <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Edmundo%20de%20Drummond%20Alves%20Junior.pdf>
- Andrade, M. M. (2000) Introdução à metodologia do trabalho científico. Elaboração de trabalhos na graduação. . 6ª ed. São Paulo: Atlas: 158. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36672>
- Barros, A. M. e Gabriel, R. Z. (2011). Lutas. In: S. C. Darido (org.), *Educação Física escolar: compartilhando experiências*, Phorte. 1, 464. <https://www.phorte.com.br/educacao-fisica-escolar/educacao-fisica-escolar-compartilhando-experiencias>
- Boehl, W. R, Da Silva, L. e Da Fonseca, D. G. (2018). (In) justificativas e (im) possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 16(1), 69-77. <file:///D:/Downloads/Dialnet-InjustificativasEImpossibilidadesDoProfessorDeEduc-6723003.pdf>
- Borba-Pinheiro, C. J, Júnior, O. R. M., Amorin, T. S. D., Bezerra, W. B., Jesus, F. P. e Cesana, J. (2016). O conteúdo de lutas na educação física escolar: uma análise sobre o perfil e as concepções dos professores de educação física do município de Tucuruí-PA. Em: T. Pimenta e A. J. Drigo (orgs.), *Contribuição das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociedade*. 1 Factash 141-160. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Contribuicoes-Ciencias-Humanas-Artes-Marciais/dp/8588698951>
- Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. (1998) Parâmetros curriculares nacionais: educação física. Brasília, Secretaria de Ensino Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>
- Brasil. Ministério da Educação (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional de Ética em

- Carreiro, E. A. (2008). Lutas. In: S. C. Darido e I. C. A. Rangel (orgs.), *Educação física na escola: Implicações para prática pedagógica*. Guanabara Koogan, 1, 165-72. <https://app-profview.grupogen.com.br/e-book-educacao-fisica-na-escola-implicacoes-para-pratica-pedagogica>
- Cazetto, F. F. (2010). Lutas e artes marciais na escola: “Das Brigas aos Jogos com regras” de Jean-Claude Olivier. *Motrivivência*, 20(31), 251-255. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2008n31p251>
- Cisne, M. D. N., Fernandes, M. P. R., Borges, L. N., Barroso, M. L., Nogueira, P. H. S., Almeida, M. I. M. e Ferreira, H. S. (2022). *Training and pedagogical practice in school physical education: The perception of teachers on the theme of fights*. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25212>
- Darido, S. C. e Rangel, I. C. A. (orgs.). (2008). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Guanabara Koogan. <https://app-profview.grupogen.com.br/e-book-educacao-fisica-na-escola-implicacoes-para-pratica-pedagogica>
- Del Vecchio, F. B. e Franchini, E. (2006). Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da Educação Física. Em: S. Souza Neto e D. Hunger (orgs.), *Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas*. Bibliotética. <https://repositorio.usp.br/item/001592678>
- De Oliveira, M. A., van Amstel, N. A., dos Reis Júnior, C. A. B. e Nunes, R. J. S. (2019). Resenha do livro “Contribuição das Ciências Humanas nas Artes Marciais: Formação Profissional, História e Sociologia”. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, 10(1), 109-114. <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/65541/38848>
- Ferreira, H. S. (2006). As lutas na Educação Física escolar. *Revista de Educação Física*, 75(135). <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428>
- Freitas, J. D. S., de Souza, C. A., Araújo, F. M., Pontes, J. A. R., e Soares, P. M. (2022). Educação física escolar e dificuldades na ação docente. *Revista Docentes*, 7(20), 47-55. <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/182>
- Hegele, B., González, F. J., e Borges, R. M. (2018). Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 16(1), 99-107. [file:///D:/Downloads/Dialnet-PossibilidadesDoEnsinoDasLutasNaEscola-6722994%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/Dialnet-PossibilidadesDoEnsinoDasLutasNaEscola-6722994%20(1).pdf)
- Henkel, Q. M. e Ilha, P. V. (2016). Parâmetros curriculares nacionais — Educação Física: sua influência no planejamento das aulas nos anos iniciais do ensino fundamental. *Biomotriz*, 10(1), 136-150. https://web.archive.org/web/20180430203047id_/http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/BIOMOTRIZ/article/viewFile/3966/pdf_33
- Harnisch, G. S., Walter, L. W., de Oliveira Guilherme, S. M., Silva, B. P., Lottermann, A. L. F. e Borella, D. R. (2018). As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 16(1), 179-184. <file:///D:/Downloads/DialnetAsLutasNaEducacaoFisicaEscolar-6722992.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). Pesquisa nacional por amostra de domicílios. *Práticas de esporte e atividade física*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=2100364eview=detalhes>
- Lopes, J. C., Bueno, C. A. M., Fiorini, M. L. S. e Martínez-Ávila, D. (2019). Lutas na educação física escolar: metodologia através dos parâmetros curriculares nacionais — PCNs. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 33(3), 401-412. <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/170534>
<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115314345005.pdf>
- Pereira, M. P. V., Cirino, C., Corrêa, A. O. e Farias, G. O. (2017). Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio a teia do conhecimento das lutas em rede. *Conexões*, 15(3), 338-348.

- <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8648512>
- Pereira, M. P. V. D. C., Marinho, A., Galatti, L. R., Scaglia, A. J. e Farias, G. O. (2022). Fights at school: Teaching strategies of physical education teachers. *Journal of Physical Education*, 32, e3226. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3226>
- Rodrigues, A. I. C. e Antunes, M. M. (2019). Ensinando lutas na escola: percepções e expectativas de dirigentes do ensino fundamental, *Revista Valore*, 4(1), 885-899. [file:///D:/Downloads/lepidus,+885-899%20\(2\).pdf](file:///D:/Downloads/lepidus,+885-899%20(2).pdf)
- Rossi, A. D. C. S. (2018). Resenha: “Sapiens: uma breve história da humanidade”, de Yuval Noah Harari. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, 9(1), 427-432. <file:///D:/Downloads/%C3%81gora-Resenha-6511236.pdf>
- Santana-Santos, J. L., Aves Caribé, A.C. e Ferraz Amaral, J. (2022). O ensino das lutas na educação física escolar. *RENEF*, 5(6),77-87. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/5241>
- Santos, M. E. de S., Campos, Ítalo S. L., Campos, Y. S., Drigo, A. J., Costa, C. F. T., Saraiva, A. dos R. e Borba-Pinheiro, C. J. (2023). Luchas en Educación Física en la escuela: diagnóstico de la enseñanza del Jiu-Jitsu en el nivel primario. *Lecturas: Educación Física Y Deportes*, 28(305), 48-61. <https://doi.org/10.46642/efd.v28i305.3352>
- Silva, C. S., Corrêa, E. A., Pimenta, T. (2016). Educação física e a profissionalização das lutas/artes marciais 2016. Em: T. Pimenta e A. J. Drigo (orgs.), *Contribuição das ciências humanas nas artes marciais: formação profissional, história e sociedade*. Factash 121-139. <https://www.amazon.com.br/Contribuicoes-Ciencias-Humanas-Artes-Marciais/dp/8588698951>
- Sousa, R. A. (2018). *Artes marciais na escola: erradicando a violência*. (trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário de Brasília). <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13160/1/21607179.pdf>